

Castro Alves

O POETA DA LIBERDADE



Dos mesmos autores da HQ
Maria Quitéria, a injustiçada

A SAGA DA HEROÍNA

AGORA EM QUADRINHOS!

MARIA QUITÉRIA

A Injustiçada.



ADQUIRA JÁ!

Que importa de nau a a herói,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cada um do verso
Que lhe ensina a amar o mar!

Depois do sucesso de “Maria Quitéria, a Injustiçada”, estamos resgatando a história de Castro Alves, um dos baianos que honram a História do Brasil. Esperamos, assim, contribuir para o aprendizado de vocês.

DIVIRTAM-SE ENQUANTO APRENDEM!...

Os autores



Criação e Argumento: Eduardo Kruschewshy
Roteiro e Edição: Antonio Silva
Desenho: Luiz Cleiton Mascarenhas Leite
Revisão: Prof. Eloisa de Oliveira Ramos
Impressão: Gráfica Clínica dos Livros

A presente HQ foi criada a partir da biografia "Castro Alves, o Poeta da Liberdade" contida no livro "O Prisioneiro & Outras Narrativas", edição independente - 2010, de Eduardo Kruschewsky.

Apoio Cultural



PRO CULTURA ESPORTE
PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA



FUNDAÇÃO CULTURAL

Eduardo Castro

Revista financiada pelo programa Procultura/Esporto, da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, com recursos oriundos do



BANCO DO BRASIL

Ag. Conselheiro Franco - Feira de Santana - BA

BIBLIOGRAFIA

BOAVENTURA, Edivaldo - "Estudos sobre Castro Alves" - Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996.

CASTRO ALVES, Antonio Frederico de. - "Obra Completa em Um Volume" - Rio de Janeiro: Aguilar, Editora, 1986.

TELES, Eduardo - "Castro Alves e o Sonho de Liberdade" - Salvador: Fundação Cultural do Estado - EGBA, 2001.

INTERNET: Foram consultados inúmeros sites. Para isto foi usado o navegador Google e colocada a palavra chave: "Castro Alves".

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A:

Eduardo José de Miranda Kruschewsky

Rua São Domingos, 239 - Capuchinhos - F.Santana-Bahia

75- 36253426 n/ 3483.8767 / 9126.5100 | dudukrusch@gmail.com



DEPOIS DA LEITURA DE UM POEMA

Às vezes o pastor subindo aos Alpes
Lança aos abismos a canção tremente.
Responde embaixo - o precipício enorme!
Responde em cima - o firmamento ingente!

Poeta! a voz do pegreiro errante
Enti vibrando... Se alteou!... Cresceu!...
Tua alma é funda - como é fundo o pego!
Teu gênio é alto - como alto o céu!

Bahia, 2 de outubro de 1870







Antonio de Castro Alves, apesar de sua pouca idade, é considerado o maior poeta do Brasil!

Dotado de um grande amor familiar, sua curta vida de 23 anos foi marcada pela presença da família...



Aqui nós vamos contar a vocês como foi a vida deste grande brasileiro.



Nossa história começa com Antonio José Alves, filho de pai português e mãe baiana, dona Ana Joaquina. Antonio é o pai do nosso poeta.



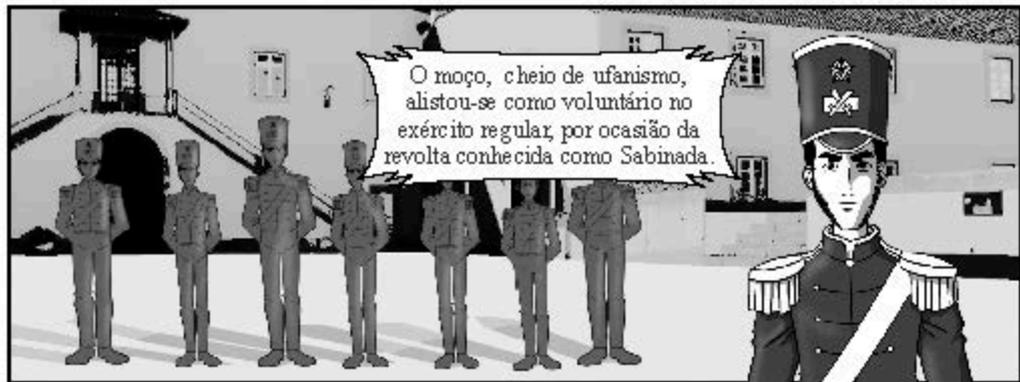
Sua família tinha posses e o jovem, depois do ensino médio, começou a cursar Farmácia.



Sua vocação, porém, não era ser preparador de remédios ou dono de botica. Resolveu largar tudo e ser médico...

Mas, traço característico dos jovens, quando estava no segundo ano de Medicina, em 1837, abandonou a faculdade.





O moço, cheio de ufanismo, alistou-se como voluntário no exército regular, por ocasião da revolta conhecida como Sabinada.



Nomeado Cadete, destacou-se em luta, sendo elogiado publicamente pelo Presidente da Província.



Antes do fim dos combates, adoeceu e foi diagnosticada sua saúde frágil. Deu baixa no exército e, por orientação médica, foi à procura de cura no clima do sertão.



Com problemas pulmonares, viajou para a cidade de Curalinho, onde tinha parentes.



Ali conheceu a jovem Clélia Castro, por quem se enamorou.



A moça era filha do sargento-mor José Antonio da Silva Castro.



O pai de Clélia, conhecido como "Periquitão", foi um dos heróis da Independência da Bahia, servindo no Batalhão dos Periquitos, o mesmo da heroína baiana Maria Quitéria.



Por uma estranha coincidência, a futura mãe de Castro Alves morava na capital e também ali estava para se recuperar de enfermidade.



Os jovens tornaram-se um par constante...



Após dias naquele lugar bucólico, o rapaz, enamorado, pediu Clélia em casamento e teve o pedido aceito.



Mas, era necessário promover a sobrevivência sem depender de ninguém e ele resolveu terminar seus estudos na Europa. Para lá seguiu suspirando de saudades da amada.



Foi passar outra temporada em Curralinho. Lá resolveu montar clínica.



Em novembro de 1844, o jovem médico concretizou o seu acalentado sonho de casar. Unidos, passaram a morar ali mesmo no interior.



Um ano depois, o casal fixou residência na Fazenda Cabaceiras, imóvel pertencente à família da moça.



A propriedade ficava no caminho entre Muritiba e Santo Estevão do Jacuípe, às margens do Rio Paraguaçu, no Tabuleiro de Pindoba, distante de Curralinho sete léguas.

Ali nasceram José Antonio e, mais tarde, Antonio
(o futuro poeta) no dia 14 de março de 1847.



O menino Céceu, vivo e traquinas, passou os seus mais
tenros anos sendo cuidado pela mucama
Leopoldina, que lhe contava histórias cheias
de fantasias, ambientadas ali no sertão.



A negra tinha um filho chamado
Gregório, que, companheiro de folgedos
na infância, viria, mais tarde, a
ser pajem do patrãozinho.





Morando na fazenda, o médico sentiu necessidade de oferecer educação aos filhos e contratou um amigo, conhecido como Peixoto, que, além de professor, era curandeiro.



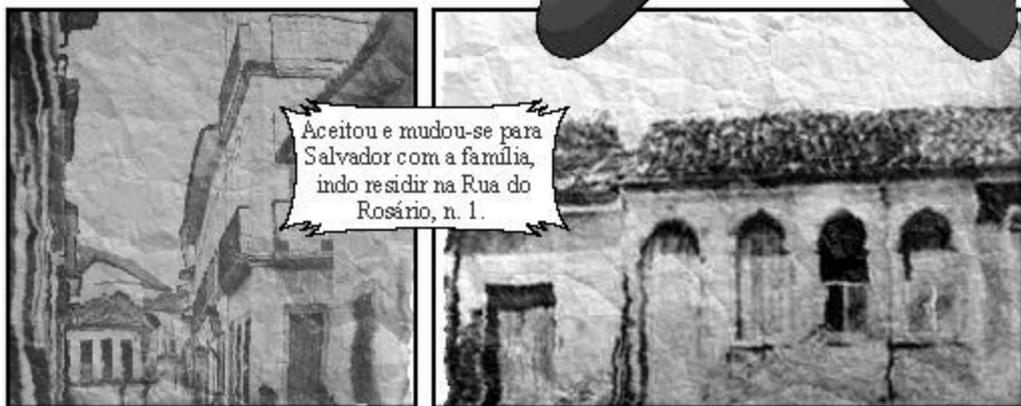
Após o aprendizado das primeiras letras, as crianças foram matriculadas na escola do professor Antonio Frederico Loup, em São Felix.

O poeta
começa a
tomar forma.





Em começo de 1854, o jovem doutor Antonio recebeu convite para clinicar na capital



Aceitou e mudou-se para Salvador com a família, indo residir na Rua do Rosário, n. 1.



A casa, cheia de mistério, tinha sido morada de uma moça que morreu assassinada...

A bela
Júlia Fetal.



O noivo, ciumento,
matou-a com
uma bala de ouro.



O fato encheu de devaneios
a cabeça sonhadora de Castro Alves.
O menino ficava horas imaginando como
aconteceu a tragédia...



Ali nasceu Adelaide,
a irmã querida de
Cecéu. A sua predileta.





Nesta ocasião, Cecéu conheceu o Alferes João José, seu tio. Este parente seria um exemplo de arrebatamento e coragem para o menino....



Embora militar, João José era rebelde. Revolucionava a cidade, discursando contra o governo, escrevendo em jornais e encabeçando diversos movimentos populares.



Aconteceu, uma vez, um fato que impressionou muito o menino, então com sete anos. Esta foi, talvez, a maior bravata do tio...



O Presidente da Província havia contratado um artista francês para pintar, na cortina do palco do Teatro São João, o desembarque de Tomé de Souza, colocando nossos índios humilhados, de joelhos

No dia da inauguração da pintura, a família ali estava, quando, ao início da função, ouviu-se uma voz irada: "FORA! O BRASIL NÃO SE INCLINA ANTE PORTUGAL! FORA!"



... e não houve o espetáculo! O Alferes, então, passou a destruir a cortina que humilhava seu país.



Era João José que pulou no palco com um punhal na mão. O Presidente se retirou, vaiado, os artistas fugiram...



O povo, sentindo-se vingado, vai ao delírio e aplaude a coragem do jovem João José.

Aquele ato arrebatado marcaria a poética e a personalidade do futuro poeta dos escravos...



Em uma outra ocasião, em 1856, alegando fraude nas eleições para o Senado, o tio invadiu o Colégio da Sé e fugiu com a urna. Na fuga, deu um soco num guarda e deixou outro desmaiado.



As eleições foram anuladas e o gesto custou a João José três anos de prisão.



Mas, vocês pensam que ele se emendou? Nada! Num desfile do 2 de julho, o rebelde comandava um pelotão e ao passar pelo Palácio Presidencial (da província), mandou a banda parar de tocar e passou ali, silenciosamente, em sinal de protesto.





Algum tempo depois, a família mudou-se para a Rua do Passo, 47, onde nasceria Amélia, a caçula.



Depois deste parto, dona Clélia nunca mais teve saúde, ficando bastante fragilizada...



Em 1859, quando nosso poeta tinha doze anos, morreu dona Clélia, uma jovem mulher de 33 anos.



Havia entre os Alves um sentimento familiar muito forte e o filho mais velho, José Antonio, tentou o suicídio, inconformado com a morte da mãe...



Quanto ao futuro vate, este, em seus poemas, evitava citar a mãe. Escondia a dor participando de competições literárias e declamações em público.



O pai, pouco tempo depois, para tristeza dos filhos, inicia romance com dona Maria Ramos Guimarães.





Na ocasião, Cecéu estudava no Ginásio Baiano do doutor Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, no bairro do Barbalho. Este ginásio foi fundamental para a sua formação.



O colégio tinha um corpo de professores da melhor qualidade, e, constantemente, eram promovidos torneios literários.

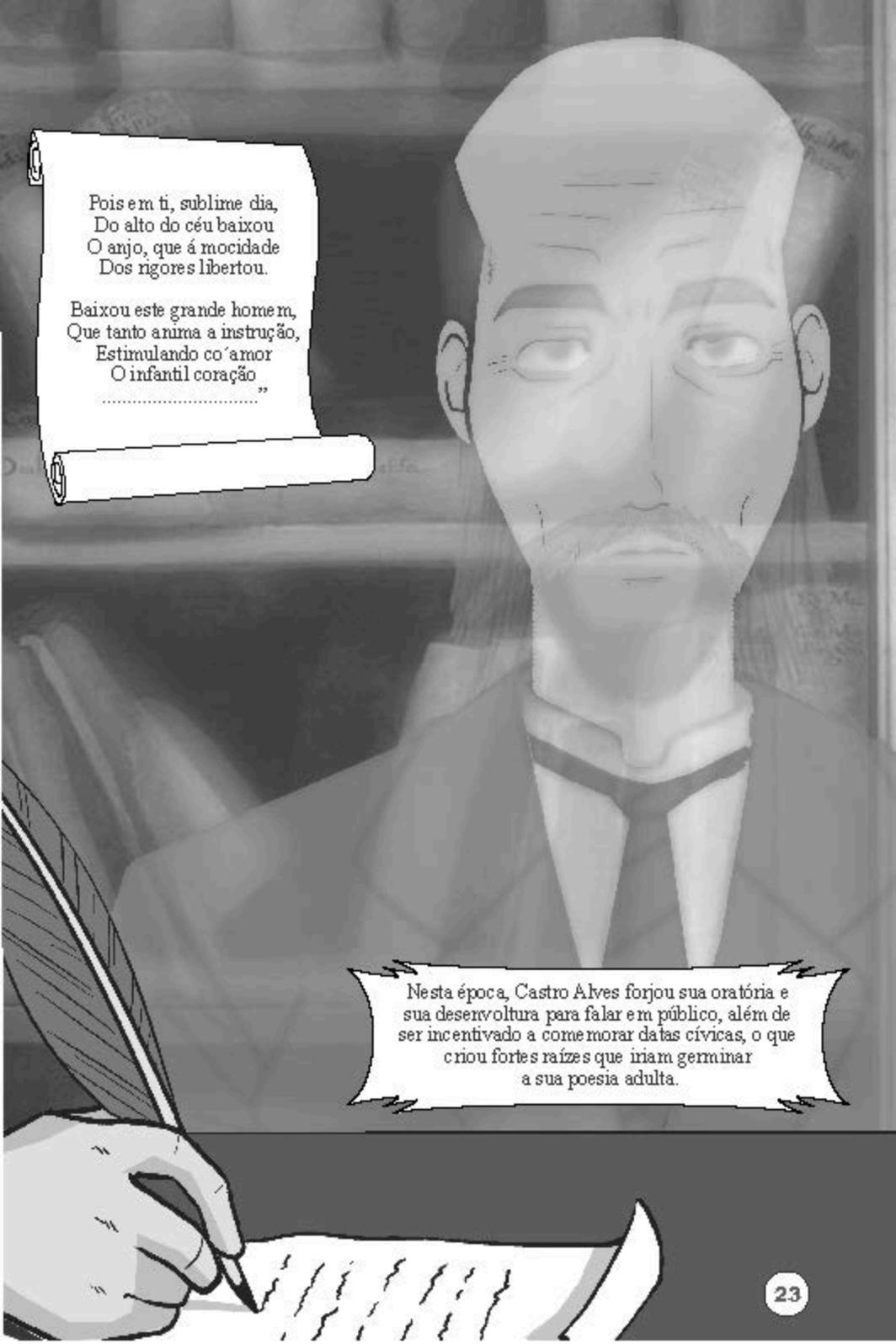


O diretor incentivava os alunos a estudar muitas matérias ao mesmo tempo. Foi a este diretor que dedicou seus primeiros versos, a poesia “Ao Natalício do Meu Diretor”. Era o ano de 1860.



“Grato sempre à mocidade,
Belo dia, hás de raiar;
Sempre ela muito contente
Mil flores te há de ofertar!

Sempre em ti se entregará
Ao prazer com expansão;
Mil cultos render-te-á
Nos altares d’afeição.

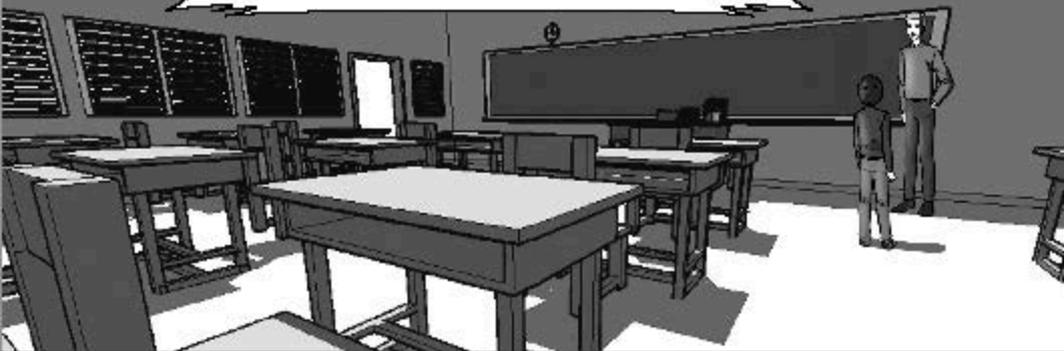


Pois em ti, subline dia,
Do alto do céu baixou
O anjo, que á mocidade
Dos rigores libertou.

Baixou este grande homem,
Que tanto anima a instrução,
Estimulando co' amor
O infantil coração
.....”

Nesta época, Castro Alves forjou sua oratória e sua desenvoltura para falar em público, além de ser incentivado a comemorar datas cívicas, o que criou fortes raízes que iriam germinar a sua poesia adulta.

Certa vez, o menino, inteligentíssimo, disse ao seu mestre que iria traduzir uma ode a Homero para o Latim...

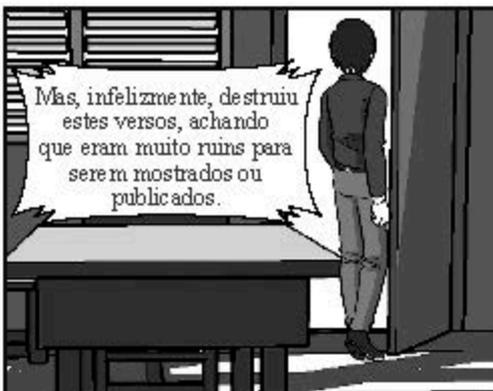


...e o fez! Declamou, então, para espanto do seu professor de Latim!



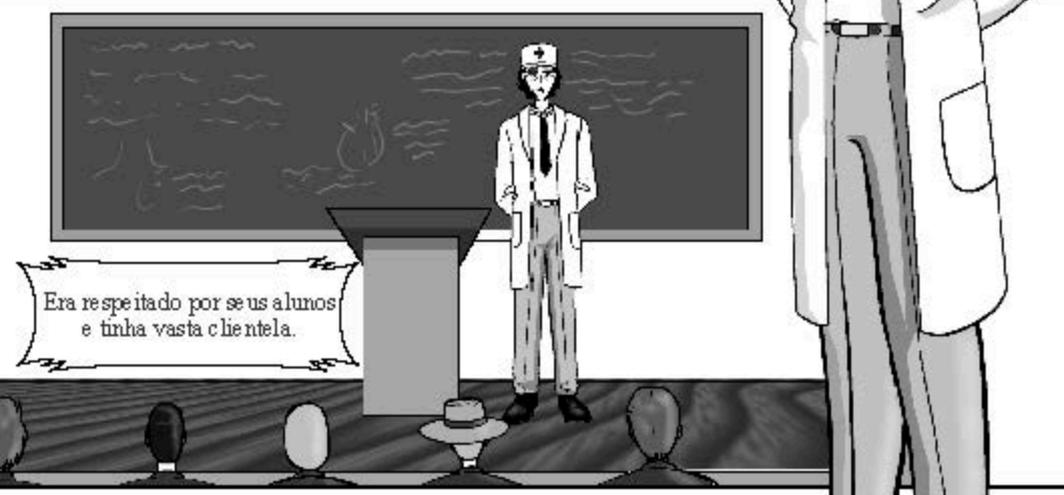
Castro Alves começou a anotar em um caderninho as poesias que criava.

Mas, infelizmente, destruiu estes versos, achando que eram muito ruins para serem mostrados ou publicados.





O chefe da família, doutor Antonio, tornou-se professor da Faculdade de Medicina e um cirurgião bastante conceituado



Era respeitado por se us alunos e tinha vasta clientela.



Tinha em casa uma galeria de pinturas nacionais e estrangeiras e promovia exposições. Foi fundador da Sociedade de Belas Artes da Bahia.



Como passatempo, gostava muito de pintar.



Em 1862, aos 15 anos, no dia seguinte ao casamento do pai com a viúva Maria Ramos Guimarães, o menino Antônio juntamente com seu irmão mais velho, José Antonio, foi estudar em Recife.

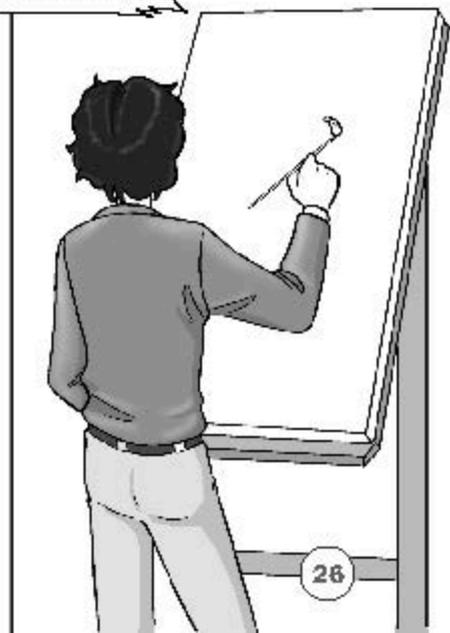


Passaram a morar, inicialmente, no Convento de São Francisco, de pois mudaram para uma república de estudantes, localizada na Rua do Hospício.



Ali, passavam o tempo: José Antonio a palestrar com os doctos do Hospício e a ler Álvares de Azevedo, Castro Alves participando de saraus literários...

...jogando bilhar,
desenhando e fazendo versos...



Na puberdade, Castro Alves tomara-se um jovem bastante alto, parecendo um pouco curvado. Embora muito simpático, tinha um defeito: o orgulho e a vaidade, consciente do seu talento. Esmerado no vestir, usava gravatas de cores vivas. Quando declamava, tinha um cuidado especial com as mãos, utilizadas de maneira expressiva durante as apresentações.



**O poeta entrega-se
à poesia...**



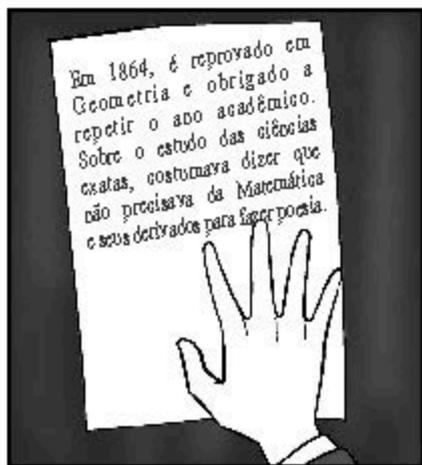
Embora muito inteligente,
era difícil conciliar o estudo
com os saraus e as
noitadas



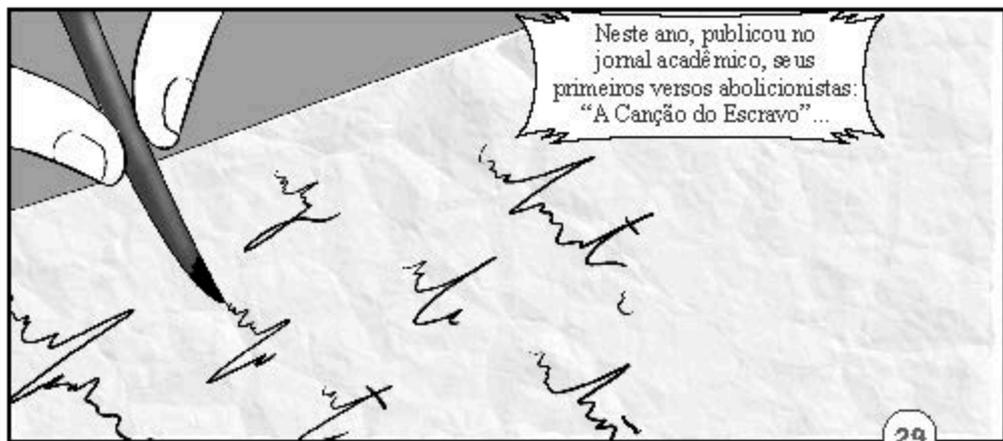
Embora triste, afirmou:
“Não preciso contar mais que 12
sílabas pra acolher o
Universo inteiro!”



Em 1864, é reprovado em
Geometria e obrigado a
repetir o ano acadêmico.
Sobre o estudo das ciências
exatas, costumava dizer que
não precisava da Matemática
e seus derivados para fazer poesia.



Neste ano, publicou no
jornal acadêmico, seus
primeiros versos abolicionistas:
“A Canção do Escravo”...

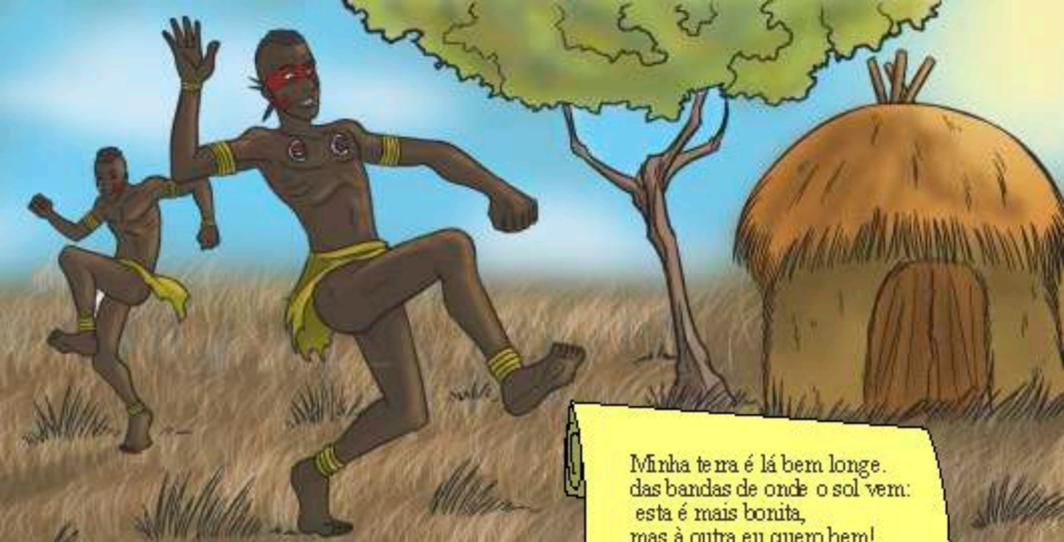




Lá na humilde senzala,
sentado na estreita sala,
junto ao braseiro, no chão
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar, corre-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...



De um lado, uma negra escrava
os olhos no filho crava,
que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde,
ao canto, e o filhinho escorde
talvez p'ra não o escutar!

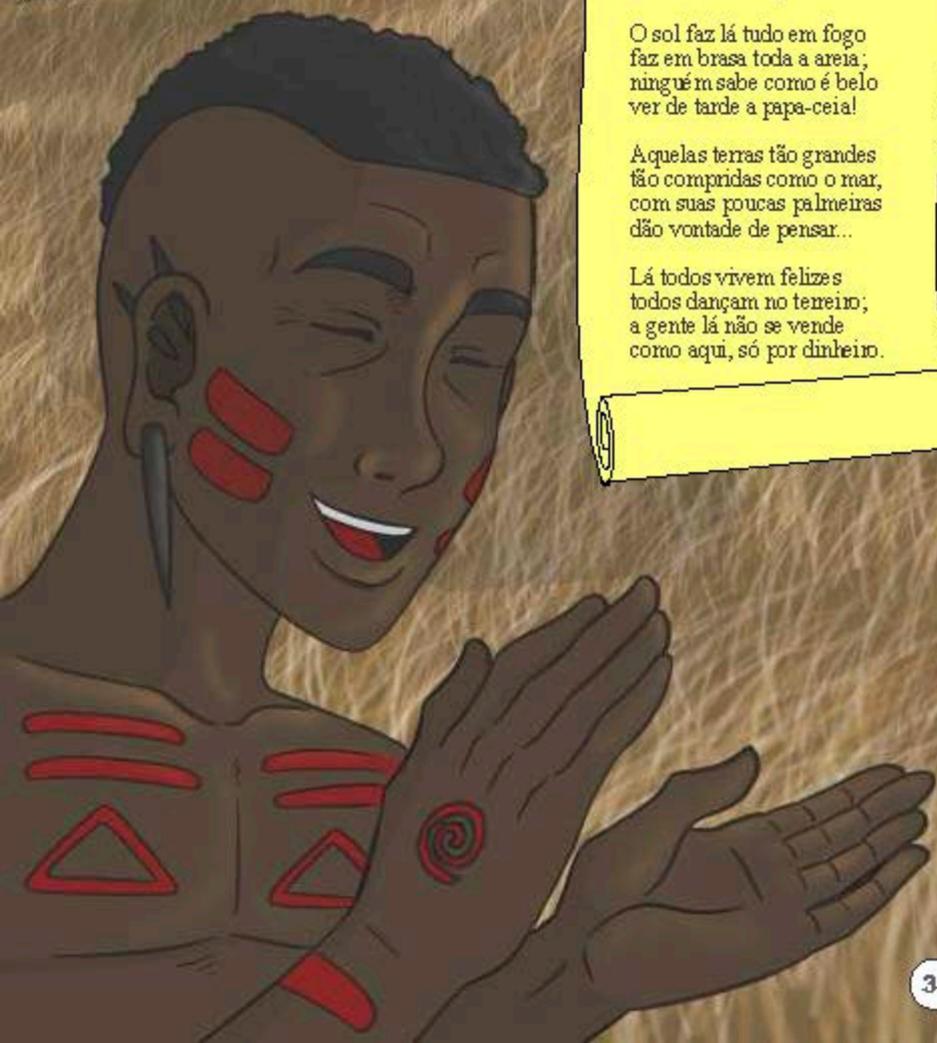


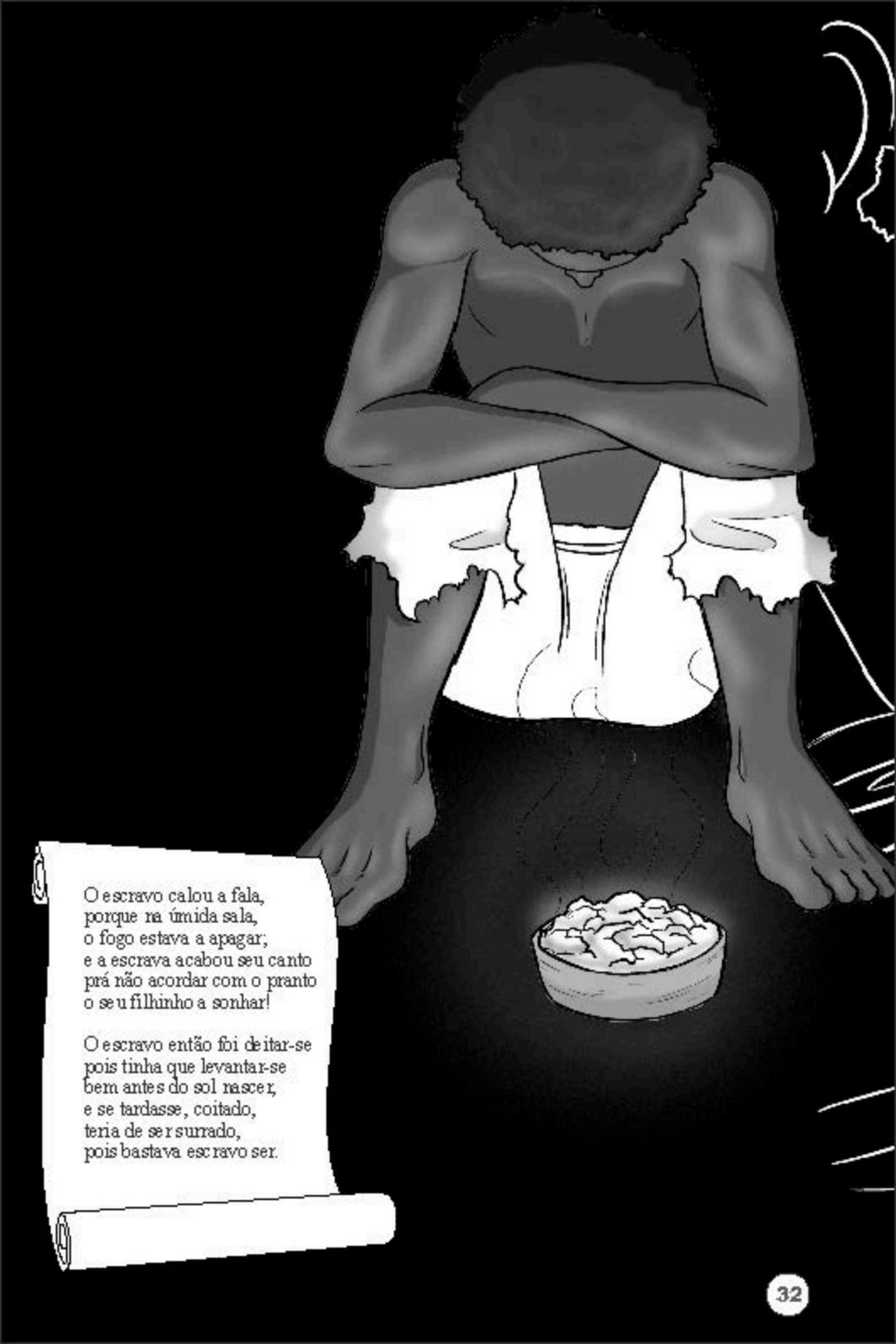
Minha terra é lá bem longe.
das bandas de onde o sol vem:
esta é mais bonita,
mas à outra eu quero bem!

O sol faz lá tudo em fogo
faz em brasa toda a areia;
ninguém sabe como é belo
ver de tarde a papa-zeia!

Aquelas terras tão grandes
vão compridas como o mar,
com suas poucas palmeiras
dão vontade de pensar...

Lá todos vivem felizes
todos dançam no terreno;
a gente lá não se vende
como aqui, só por dinheiro.



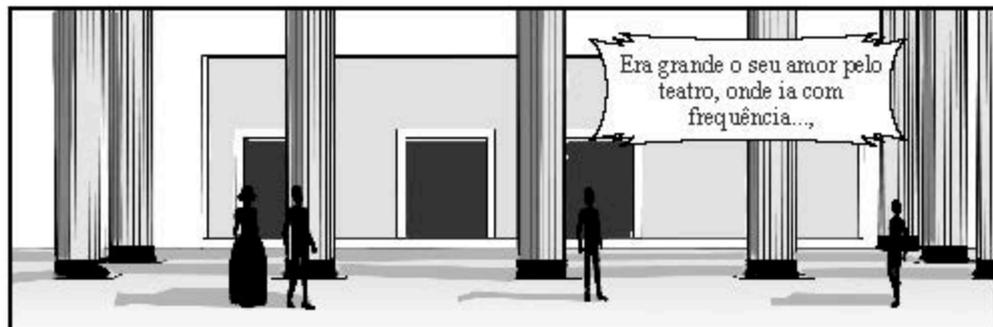


O escravo calou a fala,
porque na úmida sala,
o fogo estava a apagar;
e a escrava acabou seu canto
prá não acordar com o pranto
o seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se
pois tinha que levantar-se
bem antes do sol nascer,
e se tardasse, coitado,
teria de ser surrado,
pois bastava escravo ser.



E a cativa desgraçada,
deita seu filho, calada,
e pôe-se triste a beijá-lo,
talvez temendo que o dono
não viesse, no meio do sono,
de seus braços arrancá-lo!



Era grande o seu amor pelo teatro, onde ia com frequência...



...motivado pela admiração que sentia por Victor Hugo, grande teatrólogo francês.



Mas, tinha outras preferências:



O gosto pelo desenho, que herdara do pai...



...e pelas noitadas, nas quais de ramava seus versos arrebatados!



Na faculdade, ele e Tobias Barreto, notáveis talentos do Condoreirismo disputavam poeticamente...



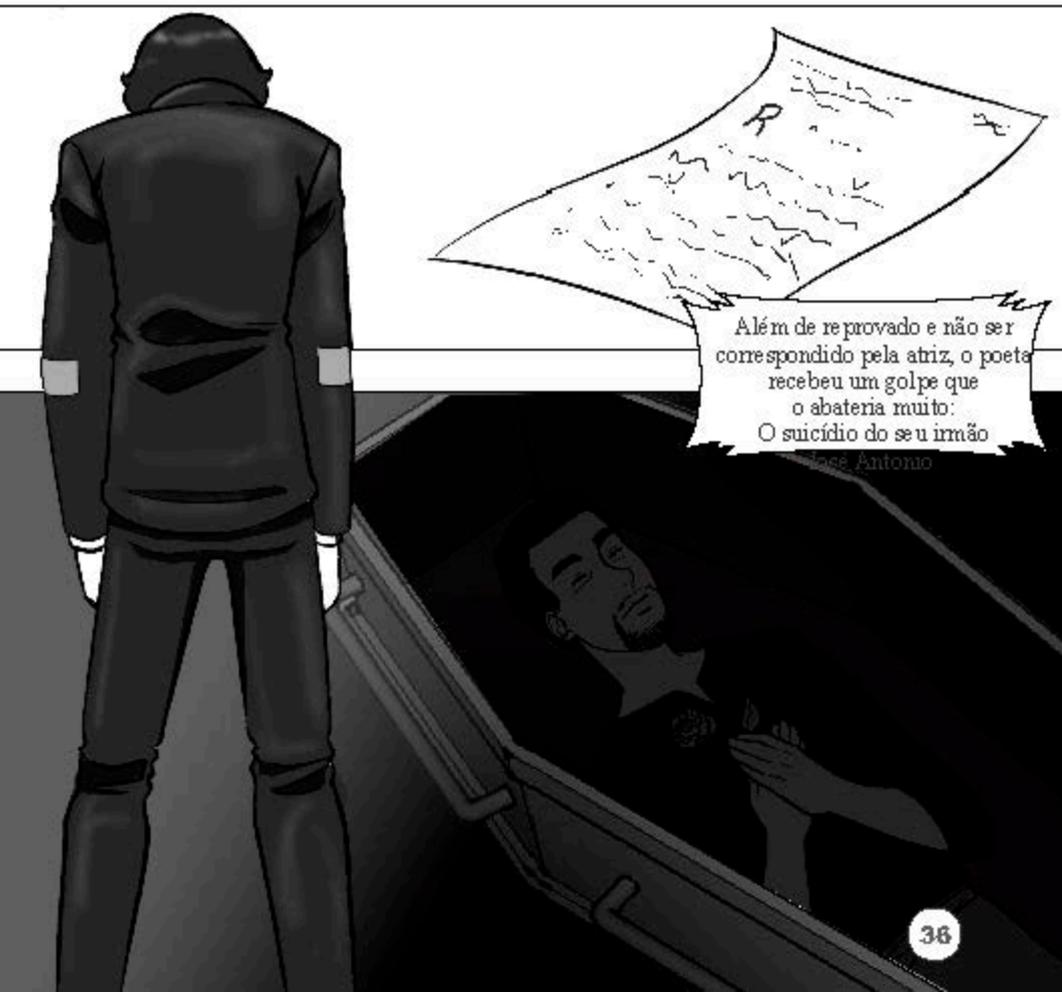
No ano anterior, 1863, havia chegado à cidade a Companhia de teatro de Furtado Coelho, cuja atriz principal era Eugênia Infante Câmara.





O rapaz foi ao Teatro Santa Isabel ver a peça "Dalila". Com 17 anos, apaixonou-se pela atriz que era 10 anos mais velha que ele.

Dalila
Eugênia Infante Câmara



Além de reprovado e não ser correspondido pela atriz, o poeta recebeu um golpe que o abateria muito:
O suicídio do seu irmão

José Antonio



Mal alimentado e dormindo pouco, contraiu uma séria doença: a tuberculose.

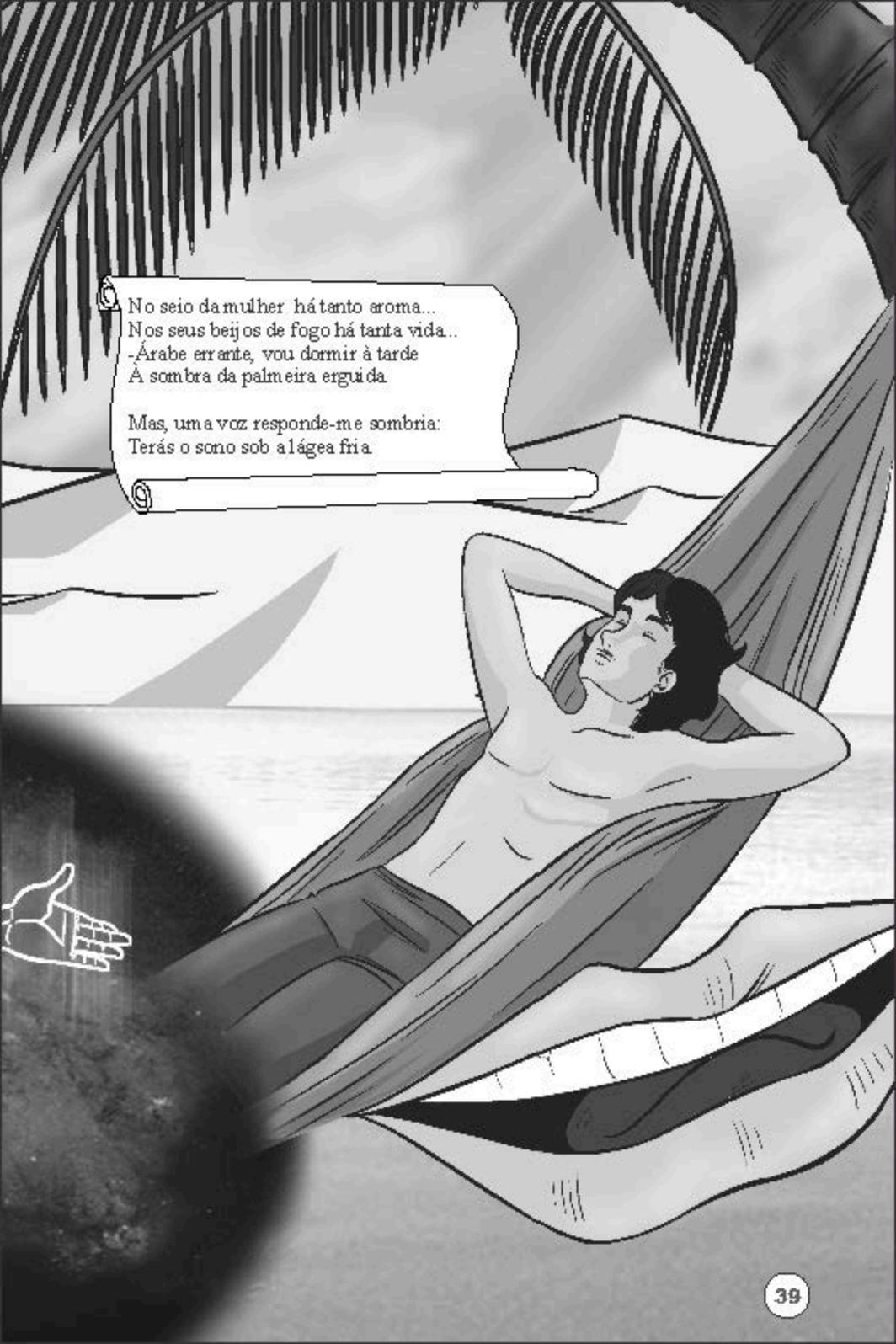


No seu isolamento, compôs um dos seus poemas mais famosos: "Mocidade e Morte", que ali ele chamou de "O Tísico"



Oh! Que ro viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito
Qual branca ve-la na amplidão dos mares.



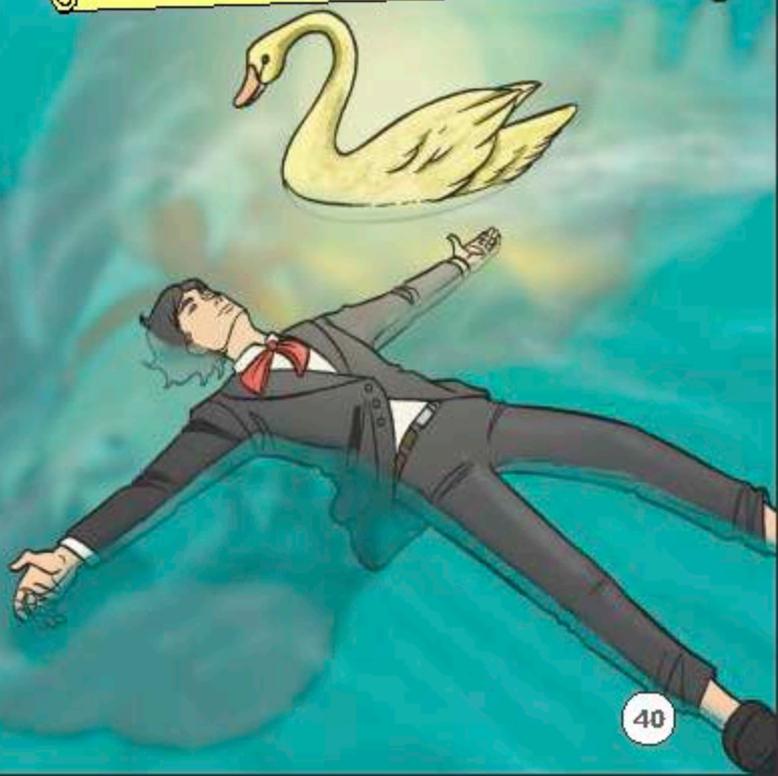


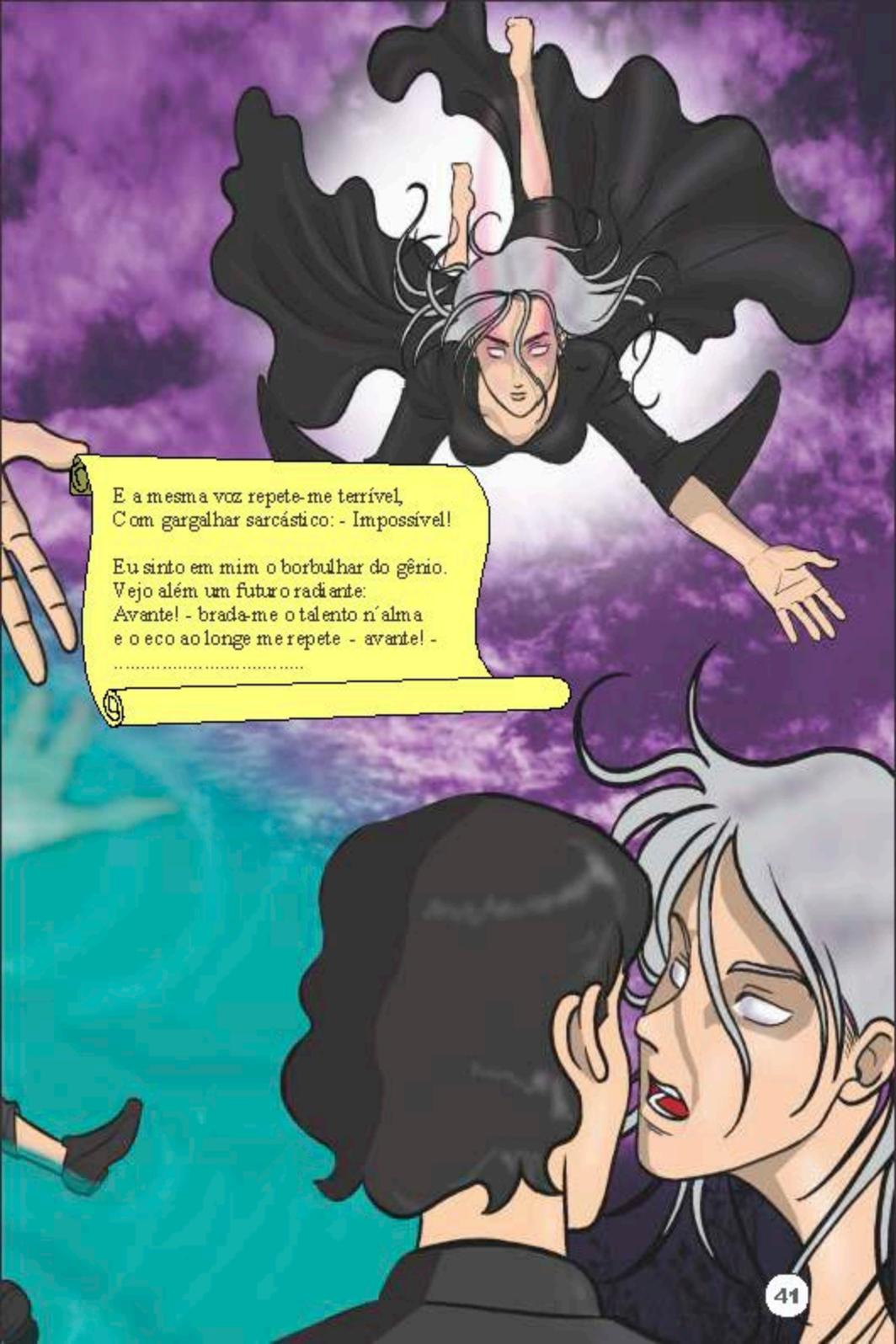
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
-Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra da palmeira erguida.

Mas, uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob alágua fria.



Morrer... Quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas,
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.
Vem formosa mulher - camélia pálida,
Que banharem de pranto as alvoradas.
Minh' alma é a borboleta que espaneja
o pó das asas lúcidas douradas...





E a mesma voz repete-me terrível,
Com gargalhar sarcástico: - Impossível!

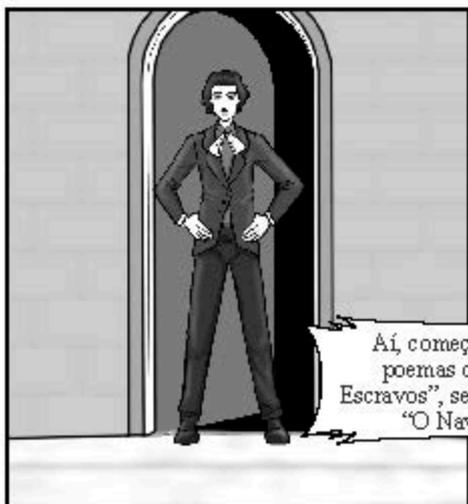
Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.
Vejo além um futuro radiante:
Avante! - brada-me o talento n' alma
e o eco ao longe me repete - avante! -
.....



Foi se tratar junto à família na Bahia e, em março de 1865, numa longa conversa com o pai, resolve voltar à faculdade no Recife.



Em outubro, passa a viver com uma mulher chamada Idalina, fixando residência à Rua do Lima, bairro de Santo Amaro.



Aí, começou a preparar os poemas de seu livro "Os Escravos", sendo o mais famoso, "O Navio Negroiro"





.....
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?...

.....



.....
Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro e de bacante fria!...
Meu Deus, Meu Deus, mas que bandeira é esta,
que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio... Musa! chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave com teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas de esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

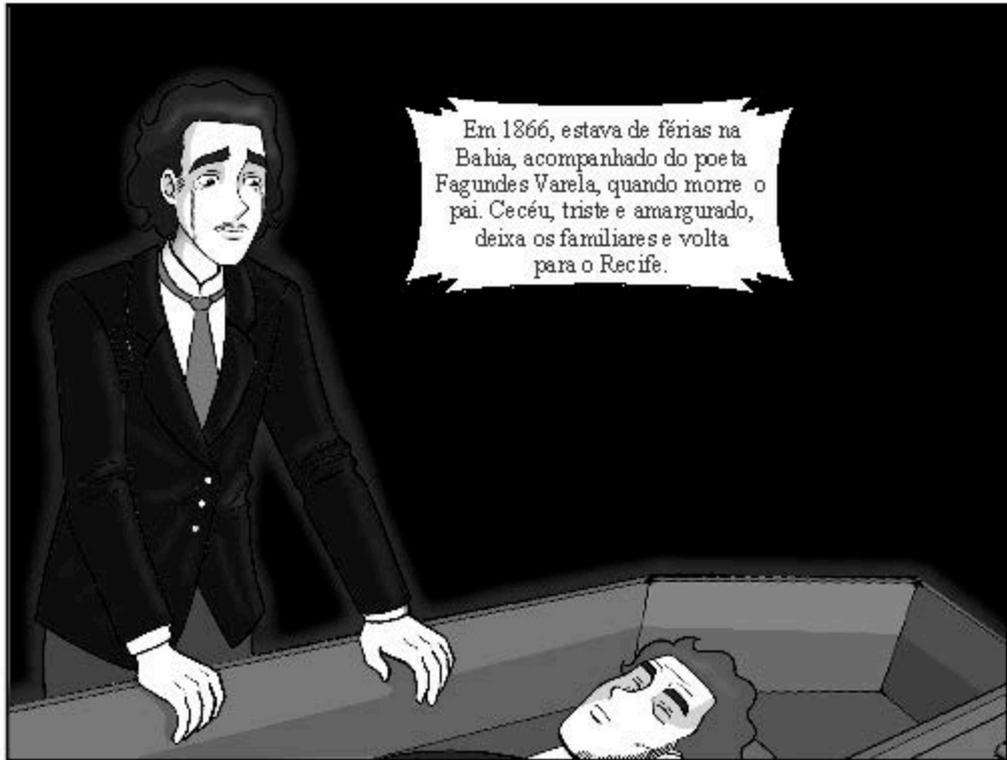




Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo! ...
... Mas é infâmia de mais! ... Da etérea plaga,
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! Arranca este pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!



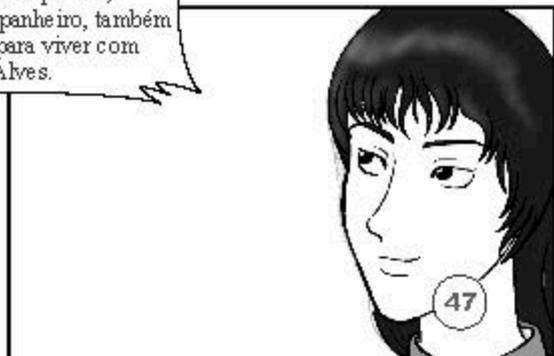




Em 1866, estava de férias na Bahia, acompanhado do poeta Fagundes Varela, quando morre o pai. Cecéu, triste e amargurado, deixa os familiares e volta para o Recife.



Na capital pernambucana, passa a assediar a atriz Eugênia e esta termina por corresponder, abandonando o companheiro, também se u empresário, para viver com Castro Alves.





Foi um período de inspiração muito forte. Escreveu para a amada, a peça “O Gonzaga” falando de liberdade, escravidão, traições, paixões, etc.



Por causa de Eugênia que disputava o título de “Dama do Teatro” com Adelaide Amaral, tornou-se inimigo de Tobias Barreto, com quem já disputava grandes batalhas literárias na faculdade...

Nosso jovem poeta, como estratégia, costumava fazer suas apresentações vestido de preto, com uma flor à lapela e cabelos oleosos.



Aplicava pó de arroz no rosto e a palidez do poeta fazia com que as moças suspirassem e se emocionassem com ele, enchendo de irveja os rapazes.



Colega de outro baiano, Ruy Barbosa, fundou uma sociedade abolicionista e participou de diversos comícios contra a escravidão...



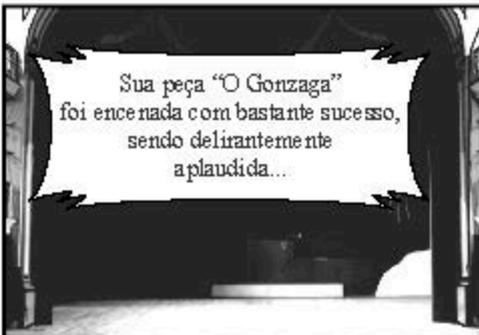


Nun dos comícios, dissolvido pela polícia à base de cassetetas, de clamor, entusiasmado: 'A PRAÇA! A PRAÇA É DO POVO, COMO O CÉU É DO CONDOR!...'





Eugênia deixa de viajar com a companhia de teatro e Castro Alves resolveu mudar de vez para a Bahia, onde pretendia fazer a estreia de "O Gonzaga"

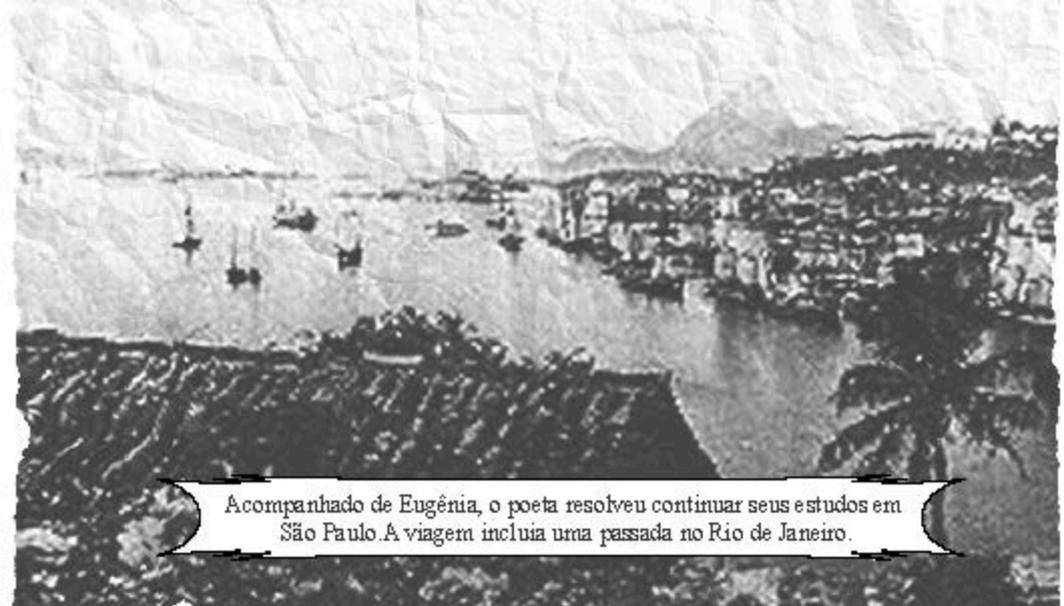


Sua peça "O Gonzaga" foi encenada com bastante sucesso, sendo delirantemente aplaudida...

No papel principal, estava Eugênia Câmara...



A multidão, após o espetáculo carregou Castro Alves em triunfo até sua residência.



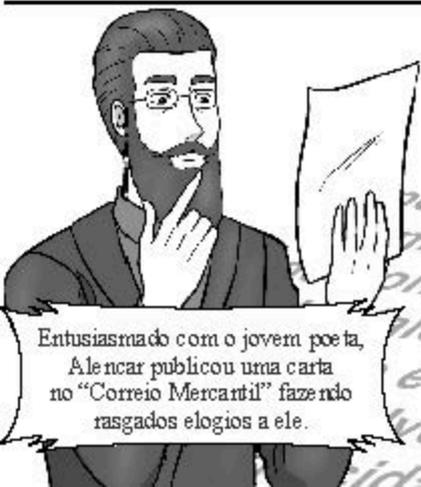
Acompanhado de Eugênia, o poeta resolveu continuar seus estudos em São Paulo. A viagem incluía uma passada no Rio de Janeiro.



No Rio, procurou José de Alencar, o famoso escritor de "Iracema"...



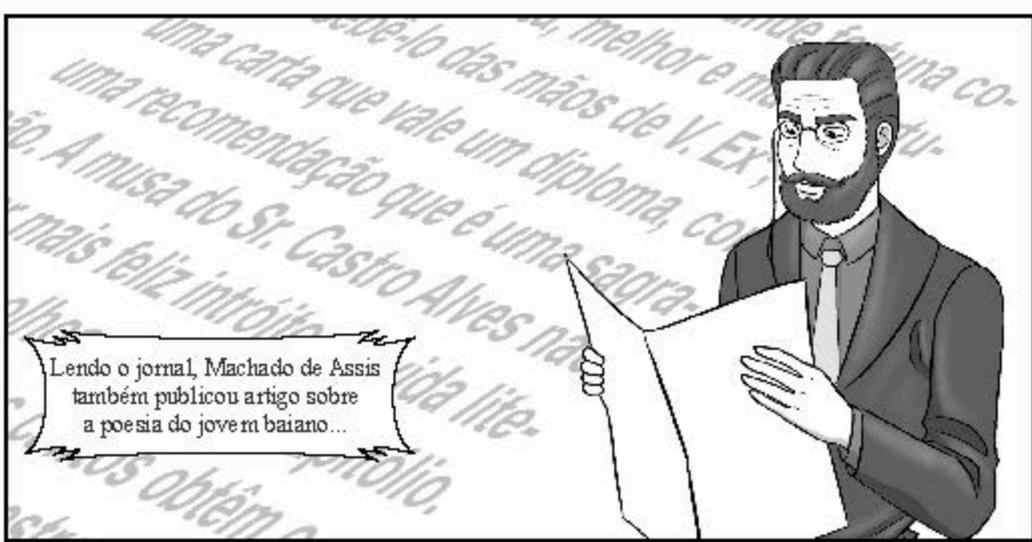
...e entregou-lhe uma carta escrita por Fernandes da Cunha.



Entusiasmado com o jovem poeta, Alencar publicou uma carta no "Correio Mercantil" fazendo rasgados elogios a ele.

Tijuca [Rio de Janeiro]
vereiro de 1845

Ilmo Sr. Machado de Assis
Recebi ontem a visita do
poeta. — O Rio de Janeiro
ghece ainda; muito breve
onhecer o Brasil. Bem en
lo do Brasil que sente; u
e não do resto. — Sr.
ves é hóspede dest
vidad.



Lendo o jornal, Machado de Assis também publicou artigo sobre a poesia do jovem baiano...



Após o reconhecimento dos dois grandes mestres e ter declamado da sacada do jornal "Diário do Rio de Janeiro", para uma multidão entusiasmada, resolveu prosseguir viagem.



Em São Paulo, passou a cursar o terceiro ano de Direito. Poeta inspirado e declamador entusiasmado, logo conquistou fama na capital paulista.

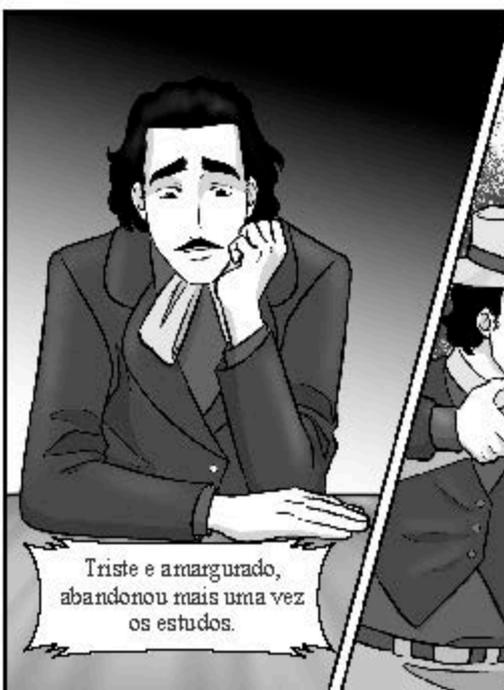
A fama, porém faria com que fosse vítima de de traidores. Eram pessoas incomodadas com a sua brilhante inteligência.



A respeito disto, costumava dizer: "É o imposto da glória!"...



Quase não tinha tempo para Eugênia e isto fez com que o relacionamento acabasse.



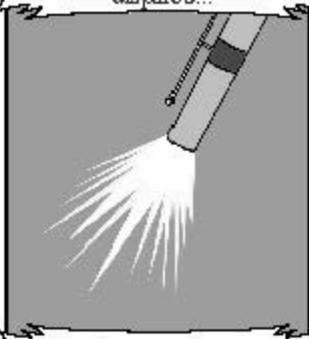
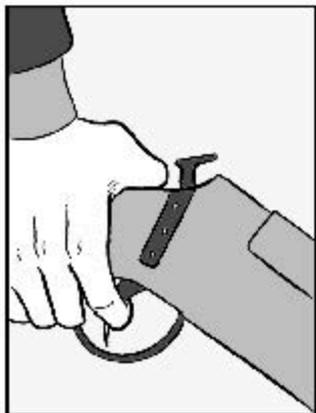
Triste e amargurado, abandonou mais uma vez os estudos.



Para distrair-se, passou a caçar nos arredores da cidade.



Num fático dia, ao passar por uma vala, tropeçou e acidentalmente a espingarda disparou...



... ferindo o seu pé esquerdo. Sozinho, arrastou-se à busca de socorro.





Foi procurar um seu amigo,
o médico Lopes dos Anjos,
que lhe prestou os primeiros
socorros...



Em seguida, foi atendido pelo
doutor Cândido Monteiro,
Barão de Itaúna.

As crises de desânimo fizeram
com que os males pulmonares
aumentassem e ele, sem condições
financeiras era ajudado por amigos.



Após 4 meses de leito, foi para o
Rio tentar melhoria de saúde e
se hospedou na casa de Luiz Cornélio
convocou 2 especialistas para
cuidar do amigo...



Os médicos optaram por amputar a parte inferior da perna do poeta e este foi operado sem anestesia por causa de sua saúde frágil...



O poeta, suando muito, disse: “-Corte-o, corte-o, doutor... ficarei com menos matéria que o resto da humanidade...”



Foram retirados, ainda, 38 chumbos e diversos fragmentos de osso.



... Recuperado, procurou esconder a mutilação com um pé de madeira e apoiado em muletas...



... e passa a poetar para moças bonitas que o cercavam, declamando poemas como “A Volta da Primavera”

Ai! Não maldigas minha fronte pálida,
E o peito gasto ao refter de amores,
Vegetam louros - na caveira esquelada
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
do mar lançou-me na gelada areia
Serei... que importa? O D. Juan da morte
Dá-me o teu seio - e tu serás Haidéia!





Pousa esta mão - nos meus cabelos úmidos! ...
Ensinava à brisa ondulações suaves!
Dá-me um abrigo nos teus seios túmidos!
Fala! ... que eu ouço o pipilar das aves!

Já vistes, às vezes, quando o sol de maio
Inunda o vale, o matagal e a veiga?
Murmura a erva: "Que suave raio!"
Responde o ramo: "Como a luz é meiga!"

E ao doce influxo do clarão do dia,
O junco exausto, que cedera à enchente,
Levanta a fronte da lagoa fria...
Mergulha a fronte na lagoa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz! ... Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vês minh'alma reviver ovante?

É que teu riso me penetra n'alma -
Como a harmonia de uma orquestra santa -
É que teu riso tanta dor acalma...
Tanta descença! ... Tanta angústia! ... Tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste fronte:
"o céu consola toda dor que existe.
Deus fez a neve - para o negro monte!
Deus fez a virgem - para o bardo triste!"



Em novembro de 1869, diante da insistência da família, voltou para a Bahia. Na viagem, escreveu o livro "Espumas Flutuantes".



Já em Salvador, em um sobrado da Rua do Sodré, foi cercado pelo carinho das irmãs e amigos.



Recomendou, então, ao amigo Augusto Guimarães que publicasse o livro



Resolveu viajar para o Currálinho, querendo ver parentes e velhos amigos, o que comunicou ao fiel Luiz Cornélio.



Já no Currálinho, encontrou Leonídia Fraga, uma namoradinha de infância, musa inspiradora de "O Hóspede".



Seis meses de pois volta a Salvador e despacha alguns exemplares de "Espumas Flutuantes" para o Rio de Janeiro.



Na capital baiana, são muitas as festas e espetáculos que assiste, incentivado por seus familiares.



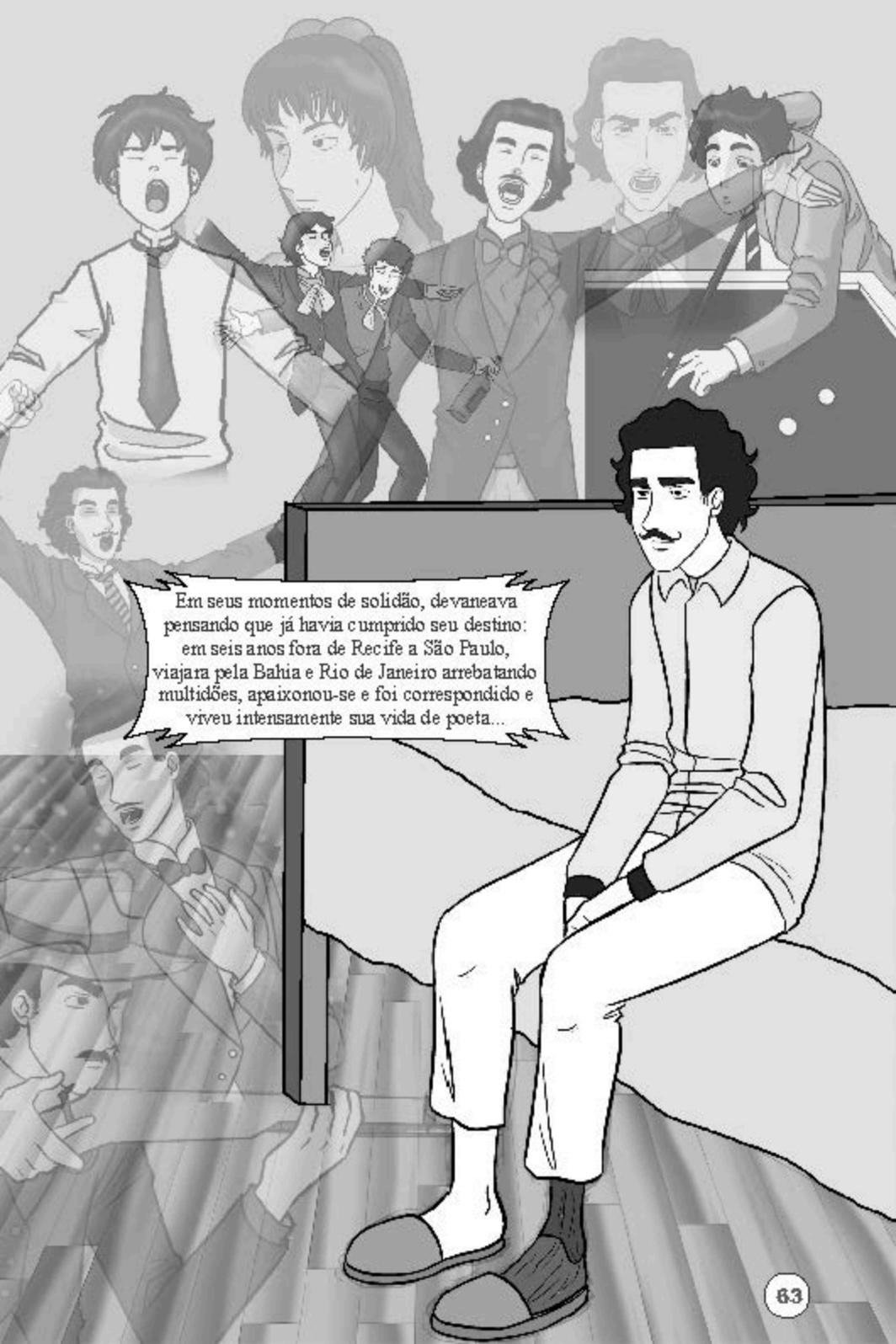
Através da irmã Adelaide, conhece Agnese Trinci Murri, uma cantora lírica viúva que encheu de alegria seus últimos dias...



Apaixonou-se por ela que viria a ser seu último e casto amor.



Porém, com a saúde frágil, foi se recolhendo, afastando-se de Agnese, a quem não permitia visitá-lo.



Em seus momentos de solidão, devaneava pensando que já havia cumprido seu destino: em seis anos fora de Recife a São Paulo, viajara pela Bahia e Rio de Janeiro arrebatando multidões, apaixonou-se e foi correspondido e viveu intensamente sua vida de poeta...

Confinado em sua casa, o vate definhava. No dia 29 de junho de 1871, pediu à mana que colocasse sua cama no salão em frente à janela.



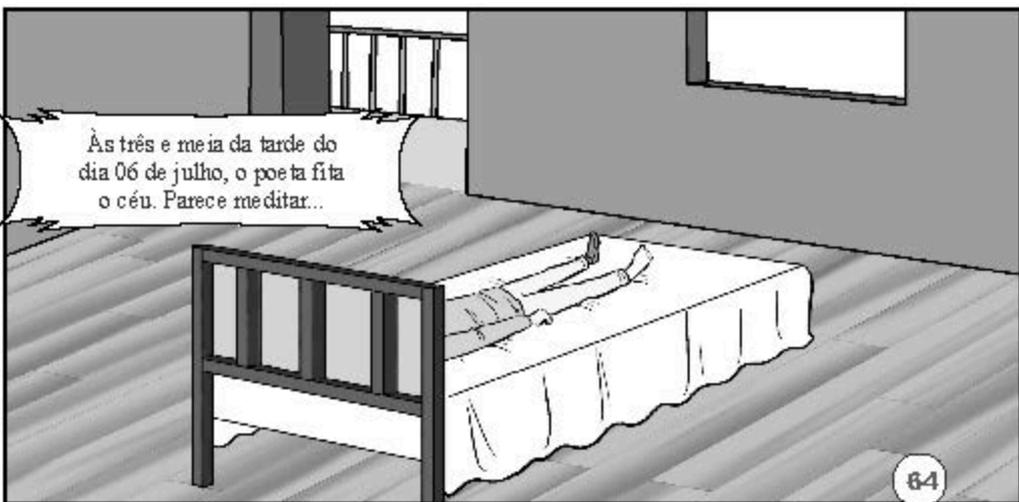
Disse: "Quero morrer olhando para o infinito azul! Quero ver o céu antes de desaparecer da terra..."

Pede um espelho para ver seu rosto agonizante e, já sem forças, sussurra:



"Assim que eu morrer, cubra-me de flores e fechem logo meu caixão!"

Às três e meia da tarde do dia 06 de julho, o poeta fita o céu. Parece meditar...





... e como os escravos, por quem tanto lutou,
libertou-se para a morte!



A black and white illustration of a cemetery. In the foreground, several people are shown in silhouette, standing in a field of tall grass. In the background, there are several tombstones of various shapes and sizes. The sky is filled with dramatic, dark clouds.

Foi enterrado no cemitério do Campo Santo e a vida seguiu seu destino: a italiana voltou para seu país e Leonícia, que sempre o esperara, de esperança, casou 5 anos após sua morte



O Solar da Boa Vista virou um hospício e, anos depois, uma velhinha louca ali foi internada: era Leonícia. Nos seus pertences, encontraram velhos papéis com poemas de Castro Alves, o que demonstrava a paixão eterna da moça...



O tempo passou, mas ficou confirmada a profécia contida em *Mocidade e Morte*, escrita seis anos antes, em 1864.

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.
Vejo além um futuro radiante:
Avante! - brada-me o talento n'alma
E o eco ao longe me repete - avante! -
O futuro... O futuro no seu seio...
Após - um nome escrito no universo n'alma,
um nome escrito no Panteon da História.

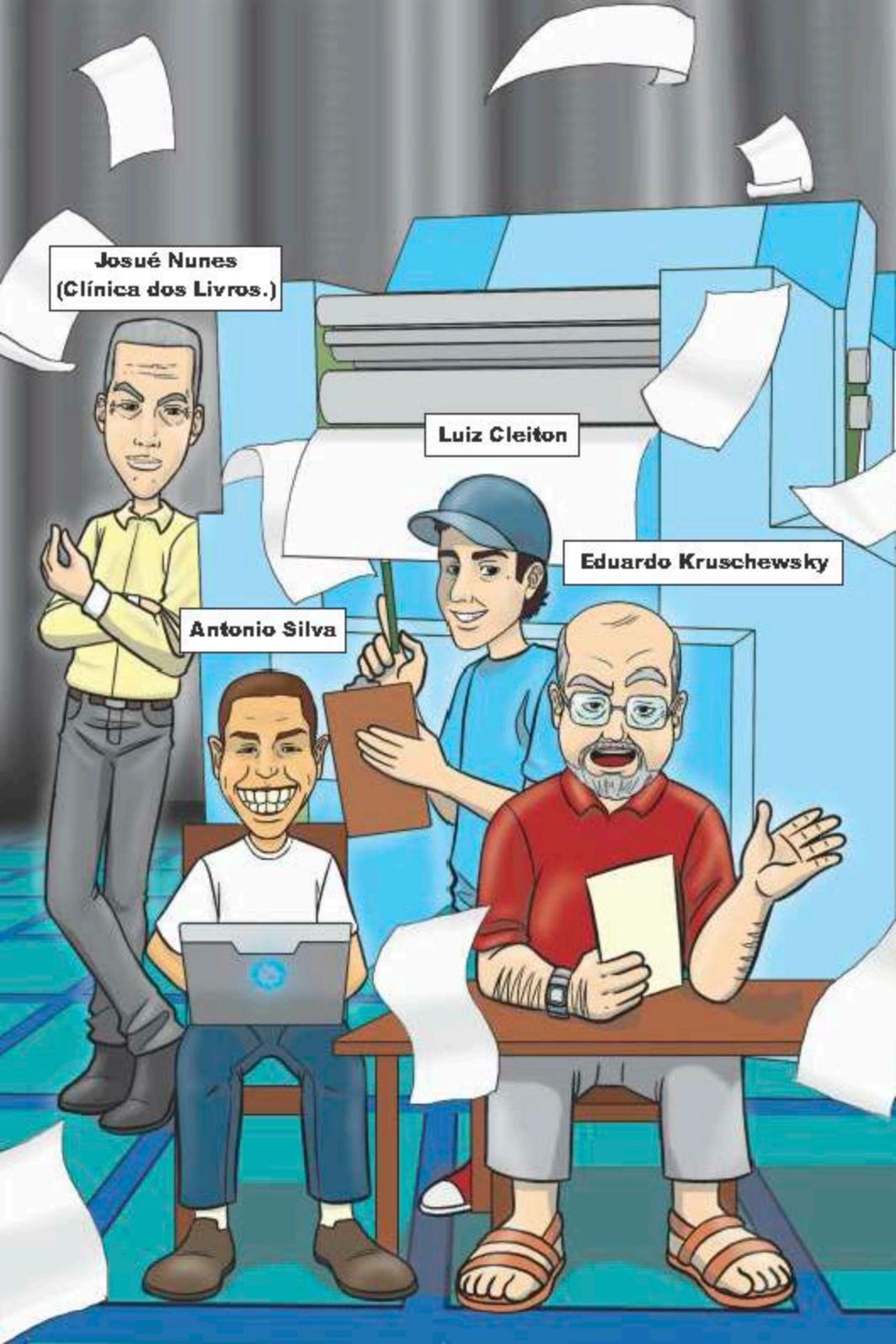
No dia da sua morte,
provavelmente, ecaram
nos céus da Bahia,
estes proféticos versos:



Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, glória! Amor! Anelos!
Escuta, minha irmã, cuidadosa enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
Fora louro esperar! Fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro - a terra.
Por glória - nada, por amor - a campa.

Adeus! Arrasta-me uma voz sombria
Já me foge a razão na noite fria!

FIM



Josué Nunes
(Clínica dos Livros.)

Luiz Cleiton

Eduardo Kruschewsky

Antonio Silva

**Castro Alves, o maior poeta
baiano, fez da sua poesia a tribuna contra
a maior das injustiças sociais:
a escravidão humana.**

**Em sua vida breve (morreu aos 24 anos)
cantou o Belo, Amor e a Justiça.
Está é a sua história!**



Apoio Cultural



Academia Feirense de Letras

